

## **Histórias de Escrita e Leitura de Mulheres (séculos XIX E XX)**

Márcia Maria da Silva Barreiros Leite – UCS/UEFS

É no contexto da sociedade imperial baiana que a escritora Anna Teófila Filgueiras Autran (1856-1933), poetisa atuante, travava uma polêmica no jornal *Diário da Bahia* com o conhecido jornalista da província Belarmino Barreto (1840-1882) acerca dos direitos femininos, e deixava transparecer o convívio que tinha com a literatura nacional e universal e, o mais importante, a sua prática da leitura. A discussão pública, que entrou para os anais da história da imprensa e ocorreu no ano de 1871, revelava a intenção da menina Anna Autran e das mulheres que se sentiram representadas por ela em discutir o livre acesso da mulher à literatura. Anna Autran, descendente de uma família aristocrata, desde cedo recebeu instrução, começando a ler precocemente aos cinco anos de idade, memorizando versos, orações religiosas e pequenos discursos.<sup>1</sup>

A série de artigos que enviou para o citado jornal e objeto de réplicas e tréplicas, versava sobre “*A Mulher e a Literatura*”. Aos quinze anos incompletos, os seus textos já mostravam uma grande sensibilidade para com a condição feminina no país. Nos escritos recheados de citações de autores universais, ela denotava conhecimento sobre a história da humanidade, da religião cristã e da filosofia ocidental, mostrando a sólida formação que recebeu, provavelmente de seu pai, de sua irmã mais velha ou de alguma professora, já que ficou órfã de mãe com apenas um ano de idade.<sup>2</sup>

Segundo as informações do seu biógrafo Afonso Costa, que ouviu as narrativas da escritora já septuagenária, Anna Autran colaborou intensamente para a imprensa, escrevendo em jornais baianos, cariocas e portugueses com espírito aguerrido e de agitadora. Republicana e abolicionista convicta, ela se revelou uma das pioneiras na luta pelos direitos sociais da mulher na Bahia. As suas reflexões giravam em torno da idéia de que a mulher possuía capacidades

intelectivas iguais às dos homens; que a razão, e não só a emoção, era atributo do seu sexo; e que o direito à educação deveria ser algo assegurado no meio em que vivia.

Não via incompatibilidade alguma entre o exercício de profissões e a dedicação aos estudos com o projeto da família. Vislumbrava, ao contrário, um resultado positivo para o lar doméstico. O seu testemunho não deixava dúvidas:

(...) e como negar-se à mulher o direito de illustrar-se para cultivar igualmente a sua intelligencia, e poder educar melhor a sua família?. Se encararmol-a pelo lado da maternidade, quem melhor do que elle poderá ser a mestra de seus filhos?. Quem melhor do que ella poderá covencel-os da verdade, illustrar-lhes o entendimento, afim de seguirem a virtude e evitarem o vicio? Quem melhor do que ella, tão dócil e tão meiga lhes poderá consolar nos infortúnios e no leito da dor? E o que será precisa para isso? Que ella tenha bastante illustração e eloquência; e tanto uma como outra encontra-se na litteratura. A mulher, justamente por ser mãe de família, é que deve ser douta. (...) M.me Sevigné tendo sido uma grande litterata, não deixou de ter sido uma boa mãe de família.<sup>3</sup>

Em vários dos seus escritos, reafirmava a liberdade de escolha feminina e o respeito às suas pretensões e capacidades, fazendo da denúncia a bandeira de sua luta:

Quereis saber porque a mulher vos parece menos intelligente do que o homem, e mais fraca ainda do que elle? É porque a sociedade condemnou-a á ignorância e ao esquecimento. É por isso que não podendo ella defender-se por outra forma, só encontra a sua defeza nas lagrimas. (...) Entretanto que ella é quase sempre condemnada, quando pugna pelos seus direitos, e tida por um phenomeno, quando se mostra igualmente ao homem pela sua sabedoria e valor. Portanto, a mulher não procura usurpar os direitos do homem, como se diz, e sim readquirir os seus que barbaramente forão usurpados por aquelle, para fazer crer as gerações presentes e futuras, que ella nascera sem elles.<sup>4</sup> (...) A sociedade tornando-se surda à voz da razão, ainda quer considerar a mulher inferior ao homem até nas mesmas faculdades intellectuaes!. Inqualificável engano. Aos homens concede-se-lhes intelligencia, razão, dignidade e illustração, ao passo que à mulher dá-se-lhe tão somente o amor conjugal e material; bem como uma educação acanhada.<sup>5</sup>

Era no campo da educação que a crítica da autora de “*Devaneios*” se exacerbava e se coadunava com um movimento em nível nacional, que apesar da falta de unidade e

sistematização sinalizava para uma questão comum levantada por muitas senhoras de diversas partes do país. O movimento feminista brasileiro posterior, em sua fase mais organizada da República Velha, é herdeiro dessas primeiras inquietações. Pensamos em Anna Aufran afrontando os rigores da moralidade pública da Bahia em pleno 1871 e lembramos dos rompantes de algumas outras mulheres no Nordeste que não se calaram frente “às injustiças dos homens” como é o caso de Nísia Floresta, exemplo personificado dessa luta. Temos também a notícia de que a escritora Joaquina Júlia Navarro da Cunha Menezes de Lacerda (1842-1909), participou de uma polêmica no periódico intitulado *O Farol*, no ano de 1869, onde defendeu os direitos da mulher.<sup>6</sup>

A causa de todo o pensamento de subordinação da mulher se originaria, na perspectiva da baiana, a partir da desigualdade da educação ministrada entre os sexos. Daí a injustiça da sociedade “em querer privar a mulher de ser litterata, como se ella não possuísse as mesmas faculdades intellectuaes que os homens”. Anna Aufran falava cônica da sua opção de vida, da menina-adolescente que tinha escolhido a literatura como meio de realização e crescimento. A sua inclinação para as letras descortinava um destino diferente do de muitas moças encerradas em casas e conventos e longe de suas pretensões. A defesa irrevogável do acesso das mulheres a uma ilustração era o meio pelo qual se abria o tão reservado campo das letras. Não existiam argumentos que as convencessem da distinção na educação dos sexos e muito menos dos preconceitos arraigados que impediam a mulher de realizar “o vôo do gênio e o impulso do coração”.

Em Anna Aufran encontramos a intelectual que se transforma em referência emblemática da leitora culta e refinada, que claramente burilava o espírito e aprofundava as idéias para depois de devidamente refletidas fazer uso na prática, como nos artigos redigidos e enviados para o jornal *Diário da Bahia*. Era uma informante direta do que lia e do que gostava: Leibnitz, Fenelon, Bernardin de Saint-Pierre, Bossuet, Lambert, Racine, La Fontaine, Stael, Sand, Sevigné, Marquez de Maricá, Aimé Martin, Voltaire, Calvino.<sup>7</sup> Tipicamente uma leitora que interagia com o seu meio. Através do que deixou escrito conhecemos as suas interpretações

que confirmam para quais fins serviram as leituras que realizou desde da infância: elaborar uma concepção de liberdade feminina pioneira e defender os direitos da mulher. Era da sua trajetória que falava e da de outras mulheres que aspiravam à condição de escritoras, mas que por falta de oportunidades tiveram as suas vozes abafadas. Elaborou uma idéia de propaganda da leitura convincente que granjeou partidários para a sua causa. Compreendia a leitura como algo saudável, prazeroso e como modo de elevação do espírito. Nunca como instrumento perigoso e prejudicial às mentes humanas:

“Pelo contrario, achamos que a litteratura, longe de ser prejudicial à mulher, lhe é de grande utilidade e merecimento. (...) E não será um anachronismo privar a mulher da luz da sciencia e dos conhecimentos litterários?. (...) A litteratura não pode ser fatal à mulher, e sim um meio de aperfeiçoal-a, e melhor educar os seus filhos. (...) Quererá a sociedade impedir que ella seja romancista, poetisa e litterata, como Stael, Sand e Sevigné”?<sup>8</sup>

Ao clamar pela “liberdade de pensar” das mulheres, buscava ao mesmo tempo permitir-lhe uma liberdade na vida, com direito ao lazer, uma socialização mais ampla e, mais além, uma profissionalização. Sobre esta, argumentava da necessidade das mulheres que se encontravam na situação de “donzella, casada e viúva” e precisavam sobreviver para “ganharem o pão”. Era a partir da perspectiva do lazer que a leitura deveria penetrar sem sobressaltos e prejuízos na rotina de uma família. Ficava claro o interesse de Anna Autran em enfatizar a compatibilidade da leitura com os papéis sociais femininos tradicionais a serem cumpridos. Poderia ser uma estratégia para reafirmar os seus propósitos e continuar prosseguindo nas suas reivindicações. Pelo tom dos seus discursos, tinha conhecimento dos valores morais androcêntricos vigentes e da intolerância que grassava no meio intelectual baiano. Em algum momento, setores da sociedade lhe dariam o troco, criticando-a como fez a Igreja Católica oportunamente.<sup>9</sup>

De qualquer modo, a idéia da leitura como algo útil, lúdico e prazeroso estava incorporada a sua conduta, haja vista os estímulos recebidos na mais tenra idade. Pelo nível de compreensão da situação social da mulher no mundo, tão bem esboçado nesses artigos que escreveu para o jornal baiano, ainda na fase da adolescência, supõe-se que tenha convivido

intensamente com o ato da leitura. E por isso manifestava o seu pensamento a favor da literatura que tinha como público alvo às mulheres casadas:

(...) dê-se-lhe também uma hora de outra qualquer distração, e ela escolherá aquella, que mais lhe convier – a litteratura – por ser a menos perigosa. E não será melhor que ella se entregue à litteratura nas horas que lhe sobejão para o descanso, do que assistir à espectaculos e bailes, que podem muitas vezes exaltar a sua imaginação (...) O que afasta a mulher dos seus deveres é a falsa sociedade, e não a litteratura; não confundamos uma com a outra (...)<sup>10</sup>

A sua opção de vida, marcada com uma forte carga de subjetividade, aliada ao apoio da família, inclusive do lado paterno, e a certeza da escolha a impulsionaram a duelar com expoentes das letras masculinas e a se expor publicamente num ambiente hostil. Enfrentou e respondeu à fúria da Igreja, que a atacou de apóstata. Não compactuava com a idéia da excepcionalidade feminina e não aceitava concessões. Evocava direitos, antes de femininos, humanos. Transgrediu e transigiu quando necessário como poucas.

Na sua principal obra, *Devaneios*, que dedicou ao pai, seu “primeiro benfeitor, a origem de todo o seu bem, a causa de seu engrandecimento moral e intelectual”, Anna revela todo o amor e gratidão ao genitor que tão bem supriu a falta da mãe. Em tom confessional afirma que desse convívio nasceu “o amor das letras e o desejo de ser escriptora”. É muito provável que Anna Aufran tenha contado com o apoio dos membros masculinos da família. A dedicatória ao pai não foi apenas uma formalidade de agradecimento. As duas cartas assinadas por Filgueiras Sobrinho e Domingos Joaquim da Fonseca, publicadas juntamente à dedicatória, no referido livro, não deixam dúvidas acerca da aprovação da escolha de Anna. O Doutor Filgueiras Sobrinho, primo a quem ela dedica uma poesia, justifica, a partir da sua visão de mundo, a publicação:

Que deve fazer a mulher dotada de uma vocação litterária, para qual, como vós, não começaram ainda os deveres da família, que é destinada também a formar? Levantar a fé e a esperança, fallar do ideal e do infinito aos obsecados do interesse e aos desesperados do scepticismo. E nenhuma forma mais fecunda pode ter a palavra humana que a poesia D’ahi o immenso successo da poesia feminina.<sup>11</sup>

Um ano antes de ver a sua obra circulando na cidade, a autora de *Devaneios* era objeto de comentário e comparação. No periódico *Álbum Familiar*, na seção noticiosa, o editor apresentava uma poetisa de nome Zulmira que se lançava à luz da publicidade aos quinze anos. Após falar do talento da novata, ele assim terminava a sua notícia: “quem tem Adalias e Autrans bem pode saudar Zulmira”.<sup>12</sup> De fato, Anna Autran já era conhecida no meio social baiano. Em algumas ocasiões ela aparecerá em público e será alvo de saudações. Em 1888, o jornal *Diário da Bahia* noticiou a sua participação no Festival Abolicionista como oradora oficial do *Club Castro Alves*. Na nota, o *Diário* informava que a Autran “proferiu um eloqüente discurso, acolhido com calorosas palavras” no Teatro São João.<sup>13</sup> A relativa repercussão da publicação do livro *Devaneios* na cidade, já havia confirmado que o nome Anna Autran não era desconhecido. Em 4 de outubro de 1877, um admirador anônimo publicou uma nota no jornal, elogiando a poetisa. Os comentários que teceu acerca do estilo literário da autora indicam os limites de uma crítica presa a determinados preconceitos que cercavam a autoria feminina. Vale a pena acompanhar uma parte da notícia, que se utiliza de jargões comuns à crítica literária masculina.

“Mais uma poetiza fez-se publicamente conhecer! É mais um anjo da harmonia, predestinada a interpretar os sentimentos d’alma e as vozes do coração! D. Anna Autran não é um nome vulgar que pede ingresso no mundo litterário. Já notável por algumas poesia inéditas que vivião por ahi como flores dispersas de raro perfume, ou como lírios que abrião no deserto, sem que ninguém, pudesse admirar a sua belleza e fragrância, já conhecida pelos lampejos de seu talento e pela robustez de sua litteraura, discutindo na imprensa e obtendo triumpho, quando escreveu largamente sobre a educação da mulher, surge agora orgulhosa de si, e soberba de suas glórias para dar-nos um livro!... um conjuncto de estrophes sentimentaes, cheias de harmonia e de lyrismo, em que a intelligencia da autora e a illustração de seu espírito brilhão como pharoes de civilisação, como collossos da moral e do sentimento. A naturalidade em quase todas as notas de sua harmoniosa lyra, da linguagem sem affectação não entravão os ouvidos com sons desaccrdes; pelo contrario é uma cadencia mística, e seus magos accents descem docemente a fundo do coração. A verdadeira poesia lyrica dever ser assim: deve dizer o que o coração sente... . D. Anna Autran sooube comprehender os impulsos de sua alma. Soube ser poetisa. Os Devaneios honrão sua autora: é mais uma brasileira illustre (...)” .<sup>14</sup>

O admirador anônimo da escritora, apesar da reverência que lhe presta e do reconhecimento enquanto talento literário que lhe imputa, de modo flagrante caracteriza *Devaneios* como eminentemente lírico e sentimental, sinônimo de produção leve e amena, própria aos espíritos femininos. Muitas outras produções poéticas femininas continuaram a ser julgadas do mesmo modo. Considerando o âmbito da discussão da crítica especializada, que analisa e classifica os estilos literários, a partir da inserção em cânones vigentes (excludentes), a estréia das mulheres no campo da poesia e da prosa brasileira, no século XIX, ocorreu ao sabor das influências da escola romântica. Nesta narrativa, conforme José Aderaldo Castello, “a sentimentalidade ocupava um lugar preponderante. Deriva dela o subjetivismo, seja de conotação afetiva, seja moral, mas voltado precipuamente para o ideal amoroso, que prevalecia. Gera também a característica confidencial”.<sup>15</sup> Posto isto, não há como negar, porém, que, no panorama da literatura feminina, escritoras, muito antes do fim do século XIX, já haviam rompido com o romantismo à brasileira. E, ainda assim, a chamada escola romântica comportava inúmeras variações temáticas e estilísticas. Nem todas as produções dos (as) românticos (as) se caracterizavam por “sentimentalismos piegas”. Ponto pacífico nos estudos atuais é o entendimento de que o convívio com os livros e o contato com as letras permitiram às mulheres no Brasil a ampliação dos seus afazeres, até então circunscritos. O domínio do código da cultura letrada aumentou as alternativas de convivência em um sistema de gênero historicamente desigual. Na condição de leitoras, direito conquistado em meio a contendas e limites, as senhoras e senhoritas das elites foram construindo um projeto de cidadania feminina, até hoje inconcluso, que redesenhou uma certa visibilidade, proporcionando o exercício de funções na esfera extra-doméstica até então inimagináveis: publicação de produções literárias, colaboração em periódicos brasileiros e estrangeiros, edição de jornais femininos, fundação de academias, admissão nos institutos e academias de letras, participação em movimentos sociais.

Entre o Império e a República, tempo de longa duração, onde a cultura e o imaginário se processam numa dinâmica lenta, os vestígios da fala e escrita feminina sinalizam para mudanças no subterrâneo da história, deixando às claras as mutações no processo de

construção de novas subjetividades e identidades dos sujeitos. Anna Autran é apenas o sinal mais visível de uma coletividade, quase que inteiramente anônima, apagada da história. À multidão das esquecidas juntam-se aquelas cujas reminiscências investigamos agora, para confirmar que o movimento da história não tem sentido único e que precisa ser constantemente reavaliado, justamente pelo historiador num intenso “exame de consciência”.

---

<sup>1</sup>Anna Teófila Filgueiras Autran é natural de Salvador. Seus pais foram o Dr. Henrique Autran da Mata Albuquerque e a Sra. Eduarda de Amorim Filgueiras Autran. Sua educação precoce, no seio de uma família rica, permitiu que aos 10 anos escrevesse versos. Aos quinze anos de idade dava início à polêmica publicada no jornal de grande circulação, o *Diário da Bahia*, com o então jornalista Belarmino Barreto. O artigo “A Mulher e a Literatura” se constituiu numa defesa da participação intelectual da mulher na esfera pública. Após estes primeiros escritos, Anna prosseguiu publicando em vários periódicos da capital. Escreveu também para o Novo Almanaque de Lembranças Luso-brasileiro e para revistas de Recife e do Rio de Janeiro. Sua carreira, apesar de totalmente desconhecida hoje, foi marcada pelo engajamento político a favor das idéias republicanas e antiescravistas. Antes de 1888, ela conseguiu alforriar os escravos da sua família. Para alguns intelectuais, inclusive Afonso Costa, ela é pioneira na luta feminista do nosso Estado. Em 1877 publicou o livro *Devaneios*, contudo sua obra continua dispersa. Como polígrafa, redigiu poemas, prosa de ficção e artigos para jornais. Morreu despercebidamente no Rio de Janeiro, aos setenta e sete anos. Ver, ALVES, Lizir Arcanjo, **Mulheres Escritoras na Bahia: as poetisas, 1822-1918**.; MUZART, Zahidé Lupinacci, **Escritoras Brasileiras do Século XIX**. Florianópolis, Ed. Mulheres, 1999, pp. 786-800; Marieta. **Intelectuais e Escritores Baianos: breves biografias**. Salvador, Prefeitura Municipal do Salvador, 1977; COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras (1711-2001)**. São Paulo, Escrituras, 2002.

<sup>2</sup>Na Biblioteca Pública do Estado da Bahia pesquisei o jornal *Diário da Bahia* correspondente a 1871, ano da famosa polêmica. Os artigos assinados por intelectuais da elite soteropolitana foram publicados entre os meses de agosto e outubro de 1871. Infelizmente, muitos artigos publicados nas edições dos meses referentes não foram localizados, porque a série do jornal estava incompleta.

<sup>3</sup>Autran, Anna. “A Mulher e a Literatura”. *Diário da Bahia*. 15 de agosto de 1871. Anno XVI, nº 184, p. 2.

<sup>4</sup>Ibidem.

<sup>5</sup>Autran, Anna. “A Mulher e a Literatura”. *Diário da Bahia*. 31 de agosto de 1871. Anno XVI, nº 197, pp. 1-2.

<sup>6</sup>PASSOS, Alexandre. “Academias e sociedades literárias nos séculos XVIII e XIX. Sua influência na vida cultural Bahiana”. In **Anais do 1º Congresso de História da Bahia**. V volume. Salvador, Typ. Beneditina, 1951, p. 15.

<sup>7</sup>Anna Autran menciona, na maioria das vezes, apenas os nomes dos autores. Os títulos dos livros não são sempre citados. Alves, Lizir Arcanjo (org.), *op. cit.*, p. 139.

<sup>8</sup>Ver, respectivamente, Autran, Anna. “A Mulher e a Literatura”. *Diário da Bahia*, 31 de agosto de 1871, Anno XVI, n. 197; e Idem, *Diário da Bahia*, 11 de agosto de 1871, Anno XVI, n. 181.

<sup>9</sup>Segundo Afonso Costa, a escritora Anna Autran foi alvo de críticas e até de acusação de apostasia na imprensa diária. Contudo, não deixou passarem em branco os insultos recebidos e foi à forra, escrevendo artigos de defesa e combate, demonstrando a “sua condição de agitadora”. COSTA, Affonso. **Poetas de Outro Sexo**. Rio de Janeiro, S/ Editora, 1930, pp. 150-151.

<sup>10</sup>Ver respectivamente, AUTRAN, Anna. “A Mulher e a Literatura”. *Diário da Bahia*, 11 de agosto de 1871, Anno XVI, n. 181; e Idem, *Diário da Bahia*, 15 de agosto de 1871, Anno XVI, n. 184.

<sup>11</sup>AUTRAN, Anna. **Devaneios: poesias**. Bahia, Imprensa Econômica, 1877.

<sup>12</sup>**Álbum Familiar**. Publicação Litterária, Recreativa e Artística. Bahia, Anno 1, nº 2, outubro de 1876, p. 5.

<sup>13</sup>*Diário da Bahia*. Salvador. 10 de maio de 1888.

<sup>14</sup>“Publicações A Pedido. Anna Autran”. **Diário da Bahia**, nº 223, 4 de outubro de 1877.

<sup>15</sup>Castello, José Aderaldo. **A Literatura Brasileira: Origens e Unidade, Vol. I**. São Paulo, Edusp, 1999, p. 251.